

A presença de Max Weber nos livros didáticos de Sociologia para o ensino médio

Renato Kendy Hidaka¹

Aline Martins Gonçalves Ananias²

Resumo: Este trabalho procura examinar o modo como a noção de capitalismo de Max Weber é apresentada nos livros didáticos de Sociologia para o ensino médio. Mais precisamente: 1) verifica-se, aqui, se estes livros fazem referência ao pensamento do sociólogo alemão e, em caso positivo, 2) evidencia-se a forma como a sua concepção de capitalismo é apresentada. Para tanto, 3) são identificados os conceitos de Weber utilizados nos livros para a compreensão da sociedade capitalista. A pesquisa foi desenvolvida com base em metodologia qualitativa, empregando a técnica de Análise de Conteúdo categorial de Bardin. Foram utilizados como objetos de análise cinco dos seis livros didáticos de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o triênio 2015-2017. São eles: 1) Tempos Modernos, de H. Bomeny e outros autores, 2) Sociologia em Movimento, de A. Silva e outros, 3) Sociologia Hoje, de I. J. R. Machado e outros, 4) Sociologia para Jovens do Século XXI, de L. F. Oliveira e R. C. R. Costa, e 5) Sociologia, de S. M. Araújo e outros.

Palavras-chave: Weber; capitalismo; Sociologia; livro didático

Abstract: This article analyses Max Weber's notion of capitalism presented in Sociology textbooks for high school. More precisely: 1) it is verified whether these books reference German sociologists and, if so, 2) presents the way his conception of capitalism is presented. For this, 3) Weber's concepts used to understand the capitalist society are also identified. Our work was developed based on a qualitative methodology, using Bardin's Categorical Content Analysis technique. Five of the six Sociology textbooks approved by the National Textbook Program (PNLD) for the 2015-2017 three-year period were used as objects of analysis, which are: 1) Tempos Modernos, by H. Bomeny *et al.*, 2) Sociologia em Movimento, by A. Silva *et al.* 3) Sociologia Hoje, by I. J. R. Machado *et al.*, 4) Sociologia para Jovens do Século XXI, by L. F. Oliveira e R. C. R. Costa, and 5) Sociologia, by S. M. Araújo *et al.*

Keywords: Weber; capitalism; Sociology; textbook

Introdução

No Brasil, a implementação da sociologia como componente curricular do ensino médio enfrentou e vem enfrentando uma série de dificuldades em sua consolidação (CIGALES, 2014). Como mostram as pesquisas sobre o tema, a presença da sociologia nos currículos escolares ocorreu de diferentes formas e de maneira intermitente. Ora com tendência mais conservadora,

¹ Docente da área de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Câmpus Birigui, rkhidaka@yahoo.com.br

² Discente do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Câmpus Birigui, aline.martins0103@gmail.com

ora mais progressista, ora disciplinar, ora interdisciplinar, ora como componente optativo, ora como obrigatório e ora ausente (BODART; FEIJÓ, 2020). Ainda que a sua história tenha se iniciado já no final do século XIX, é somente a partir das duas últimas décadas do século XX que a sua presença se amplia nos sistemas escolares (OLIVEIRA; CIGALES, 2019).

Considerando o período mais recente, observa-se que em meados da década de 1980 a Sociologia passa a retornar gradativamente aos currículos escolares em algumas regiões do país (AZEVEDO, 2014). Trata-se de um contexto marcado por amplas discussões, campanhas e lutas em prol do ensino da sociologia. Nele temos a aprovação, pelo Conselho Nacional de Educação, do parecer nº 38/06, favorável à introdução tanto da Sociologia quanto da Filosofia como componentes disciplinares no ensino médio, da Resolução nº 04, de 16 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006) e da Lei Federal nº 11.684 de 2008 (BRASIL, 2008), que, enfim, torna a Sociologia componente curricular obrigatório em todas as séries do ensino médio do país.

Contudo, em menos de uma década, novamente a presença curricular da disciplina é ameaçada, fato este ocorrido durante o governo de Michel Temer (2016-2018). Com a aprovação da Reforma do Ensino Médio, pela Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017), que levou à implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a maioria dos componentes curriculares – exceto Português e Matemática que são consideradas disciplinas autônomas – passa a estar dissolvido em áreas do conhecimento, não garantindo, desse modo, a permanência e a consolidação da sociologia no ensino médio (BODART; FEIJÓ, 2020).

Este trabalho se insere em um conjunto recente de pesquisas desenvolvidas no interior do subcampo intitulado ensino de Sociologia, subcampo de pesquisa que vem crescendo no interior do campo científico brasileiro, sobretudo desde o retorno da Sociologia ao currículo escolar, como mostram Bodart e Tavares (2020), ao analisarem o aumento da publicação de artigos relacionados à sociologia escolar em periódicos brasileiros. Nesse contexto, temos, conjuntamente ao desenvolvimento do mercado editorial de materiais e livros didáticos direcionados à disciplina, o crescimento da produção acadêmica sobre os manuais direcionados ao ensino de Sociologia (ENGERROFF; OLIVEIRA, 2018).

Nosso trabalho, ao considerar o livro didático como um objeto legítimo de pesquisa científica, tem como objetivo geral analisar o modo como a noção de capitalismo, constante nas obras de Max Weber, é apresentada nos livros didáticos de Sociologia para o ensino médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). São objetivos específicos: 1) verificar se os livros fazem referência ao pensamento do sociólogo alemão, 2) explicitar a forma como a concepção de capitalismo de Weber é apresentada e 3) identificar os conceitos que o autor utiliza para a compreensão da sociedade capitalista.

A hipótese inicial que se assume aqui é a de que a concepção de Weber sobre o capitalismo aparece em todos os livros didáticos de Sociologia para o ensino médio em circulação nas escolas públicas do país, ainda que privilegiando conceitos de diferentes obras do autor.

Trata-se, assim, de uma pesquisa qualitativa de análise documental, mais precisamente de fontes primárias, ou seja, de um trabalho baseado na interpretação e no cotejamento de textos. Para a sua realização, empregamos a técnica de Análise de Conteúdo categorial (BARDIN, 2002). Utilizamos como fontes de pesquisa primária cinco dos seis livros didáticos aprovados pelo PNLD de 2015, a saber: 1) Tempos Modernos, de H. Bomeny e outros autores (BOMENY *et al.*, 2013), 2) Sociologia, de S. M. Araújo e outros (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016), 3) Sociologia em Movimento, de A. Silva e outros (SILVA *et al.*, 2013), 4) Sociologia Hoje, de I. J. R. Machado e outros (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013), e 5) Sociologia para Jovens do Século XXI, de L. F. Oliveira e R. C. R. Costa (OLIVEIRA; COSTA, 2013). Como fontes secundárias, fazemos uso de documentos oficiais, artigos e outros trabalhos científicos sobre o tema.

Com este trabalho, pretendemos contribuir com as análises de currículo e livros didáticos de Sociologia, bem como ao fortalecimento do subcampo científico voltado ao ensino de Sociologia no país.

Material e métodos

Para a realização da análise são identificados os conceitos de Weber utilizados nos livros para a compreensão da sociedade capitalista. A pesquisa foi desenvolvida com base em metodologia qualitativa, empregando a técnica de Análise de Conteúdo categorial de Bardin (2002). Foram utilizados como objetos de análise cinco dos seis livros didáticos de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o triênio 2015-2017. São eles: 1) Tempos Modernos, de H. Bomeny e outros autores (BOMENY *et al.*, 2013), 2) Sociologia em Movimento, de A. Silva e outros (SILVA *et al.*, 2013), 3) Sociologia Hoje, de I. J. R. Machado e outros (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013), 4) Sociologia para Jovens do Século XXI, de L. F. Oliveira e R. C. R. Costa (OLIVEIRA; COSTA, 2013), e 5) Sociologia, de S. M. Araújo e outros (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016).

Resultados e discussão

Max Weber (1864-1920) é considerado um dos clássicos da sociologia, ao lado de Karl Marx e Émile Durkheim. A obra do sociólogo alemão é caracterizada por cruzar fronteiras disciplinares, uma vez que remete a campos científicos distintos, seja ao da sociologia, da economia, do direito, da história e da política. Weber publicou inúmeros trabalhos, entre os quais talvez os mais conhecidos sejam *Economia e Sociedade*, *Parlamento e Governo na Alemanha reordenada*, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e *Conceitos Básicos de Sociologia*.

Em 1997, a *International Sociological Association* realizou uma pesquisa de opinião na qual seus membros deveriam listar os cinco livros publicados no século XX que tiveram mais impacto em seus trabalhos. *Economia e sociedade*, de Weber, aparece em primeiro lugar, seguido de *A imaginação sociológica*, de C. W. Mills, e *Teoria social e estrutura social*, de R. K. Merton. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*³, também de Weber, aparece em seguida, em quarto lugar, o que mostra a influência do autor no campo da sociologia.

Para os fins deste trabalho, interessa-nos saber: como Weber, considerada a sua importância no campo científico das ciências sociais, é retratado nos livros didáticos de Sociologia para o ensino médio no Brasil? Mais especificamente, como a concepção acerca do capitalismo desse clássico da sociologia aparece nesses livros? Quais dos seus conceitos e obras são utilizados para que o estudante do ensino médio compreenda as particularidades das sociedades capitalistas?

Conforme Florêncio (2019), os livros didáticos de Sociologia possuem enorme importância no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, na transposição didática do conhecimento científico para a escola. A respeito dos livros didáticos, de acordo com Meucci (2000), além de uma forma de difusão do conhecimento, eles traduzem uma forma de reunir, sistematizar e legitimar determinados saberes sociológicos. Ao priorizar certos temas, autores e conceitos, esses materiais refletem conflitos e relações de poder estabelecidos entre o campo científico e o campo didático-pedagógico. Como, nesse sentido, o pensamento de Weber aparece materializado nos livros de Sociologia em circulação no país? Existe correspondência entre as obras e conceitos mais utilizados/valorizados no campo científico e as obras e conceitos divulgados/valorizados nos livros didáticos?

³ International Sociological Association. Books of the XX century. Disponível em: <https://www.isa-sociology.org/en/about-isa/history-of-isa/books-of-the-xx-century/ranking-order>.

Iniciemos nossa análise pela obra *Sociologia para jovens do século XXI*, que consta pela primeira vez entre os livros didáticos aprovados pelo PNLD na edição de 2015, correspondente à segunda edição do programa em que ocorre a participação da Sociologia.

Publicado pela editora Imperial Novo Milênio e escrito por Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa (OLIVEIRA; COSTA, 2013), os dois com formação em Ciências Sociais e com experiência em docência no ensino médio, o livro é dividido em três grandes unidades que trazem os seguintes títulos: I) Sociedade e conhecimento sociológico, II) Trabalho, política e sociedade e III) Relações sociais contemporâneas.

Mencionado em diversas partes do livro, Weber aparece, primeiramente, no capítulo 2, intitulado “Quem sabe faz a hora e não espera acontecer?” A socialização dos indivíduos. Ao lado de Karl Marx e Émile Durkheim, ele é referenciado como um dos fundadores do campo sociológico. Em seguida, ainda neste capítulo, encontramos uma breve biografia do autor e as principais formulações e conceitos que, tal como entendem os autores, caracterizam as contribuições de Weber à sociologia. Dessas contribuições, temos a sua concepção de sociedade. Segundo os autores, para Weber, “sociedade é o resultado das diversas ações entre os indivíduos, e que todos são capazes de agir livremente, de acordo com distintas alternativas à sua escolha” (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 36). E seguem assinalando que, de acordo com o sociólogo alemão, para “compreender a sociedade é preciso entender a ação social” (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 36). No final do capítulo, depois de definir os quatro tipos de ação social em Weber (ação tradicional, ação afetiva, ação racional relacionada a valores e ação racional com relação a fins), há algumas propostas de atividades nas quais os alunos devem: 1) comparar as teorias de Marx e Weber, 2) apresentar a definição de juízo de possibilidade em Weber e 3) discutir possibilidades de aplicação da teoria de Marx, Durkheim e Weber no cotidiano. Encontramos, nesse primeiro momento, apenas uma menção à noção de capitalismo, que se encontra em uma das questões do ENEM de 1999, reproduzida na seção Verificando o seu conhecimento.

No capítulo 3, “O que se vê mais, o jogo ou o jogador” Indivíduos e instituições sociais, Weber é acionado como um dos autores que, assim como Ernst Troeltsch, empreendeu a distinção entre igrejas e seitas. Ainda no capítulo, ele é mencionado como um estudioso da relação burocrática na sociedade e no Estado. Sociedade e Estado não aparecem adjetivados, tendo o leitor que pressupor que se trata de sociedades de tipo capitalista.

No capítulo 8, “Ganhava a vida com muito suor e mesmo assim não podia ser pior.”. O trabalho e as desigualdades sociais na História das sociedades, encontramos as noções de poder, autoridade, legitimidade e monopólio do uso da força de Weber. É na seção O trabalho e as

desigualdades: estratificação social e mobilidade social, constante no capítulo, que identificamos, pela primeira vez, a utilização do termo capitalismo. Eis a passagem: “Foi o sociólogo Max Weber que, ao estudar sobre as origens do capitalismo, revelou que a Reforma protestante contribuiu para a mudança na concepção de trabalho [...]” (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 122). E continuam: “Com o surgimento do capitalismo, Weber afirmou que a Reforma protestante contribuiu para que o trabalho e as profissões fossem encaradas como uma vocação, se contrapondo à preguiça e à ociosidade.” (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 122). Curiosamente, a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, na qual se encontram tais formulações, não é sequer citada. Em seguida, em contraposição ao conceito de classe social de Marx, apresenta-se ao leitor o conceito de estratificação social.

No capítulo 14, “O Estado sou eu” - Estado e Democracia, encontramos o conceito de Estado e a definição dos três tipos de dominação legítima, de Weber. Diferentemente de outros livros didáticos, a noção de Estado aparece na maioria das vezes sem o adjetivo moderno, podendo induzir o leitor à ideia de que Weber estaria tratando do Estado em geral. Ao falar sobre o Estado, assim como sobre os tipos de dominação legítima, os autores do livro não situam o leitor no contexto histórico que Weber procura examinar.

A noção de capitalismo, objeto de nossa investigação, aparecerá no capítulo 19, “A gente não quer só comida...” Religiosidade e juventude no século XXI, mais precisamente na seção O que tem a ver Sociologia com Religião. Depois de expor o que se considera a concepção acerca da religião de Marx e Durkheim, assinala-se a relação estabelecida entre trabalho e religião em Weber. Diz-se a esse respeito que:

Segundo Weber, essa concepção de trabalho, protestante e puritana, servirá perfeitamente para o aparecimento do capitalismo. A referência à concepção puritana, em Weber, se relaciona à prática dos adeptos do calvinismo, cujo comportamento austero, rígido e moralista tornava-os mais dedicados ao trabalho e, portanto, à acumulação de riquezas. (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 303).

Nessa seção, o desenvolvimento do capitalismo, em Weber, é relacionado à mudança na concepção sobre o trabalho até então corrente, que foi operada a partir do surgimento e disseminação da ética protestante. Aqui, a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* aparece apenas de forma indireta.

Passemos agora para o livro *Sociologia hoje*, que circula entre os livros aprovados pelo PNLD pela primeira vez a partir da edição de 2015. Foi publicado pela editora Ática e tem como autores Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013), todos com pós-graduação, em nível de doutorado,

na área de Ciências Sociais – os dois primeiros, registre-se, atuam como professores universitários. O livro está organizado em grandes três unidades, intituladas, respectivamente: I) Cultura, II) Sociedade e III) Poder e cidadania. Antes dessas unidades, temos uma introdução. Nela, os autores nos explicam o que são as ciências sociais e nos diferenciam aquilo que chamam de seus “campos de especialização”, quais sejam: a antropologia, a sociologia e a ciência política. A separação em unidades, tal como se entende, procura dar ênfase a cada uma dessas especialidades (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013).

Com base nas considerações acima, destinada ao pensamento antropológico, Weber não é mencionado na unidade 1. Ele aparece pela primeira vez no capítulo 6, Pensando a sociedade, presente na unidade 2. Como no livro anterior, Weber, ao lado de Marx e Durkheim, é destacado como um dos três grandes clássicos da sociologia.

Ao tratar da história do surgimento da sociologia, os autores do livro afirmam:

[...] a origem da Sociologia tem relação direta com a história do capitalismo, especialmente com o desenvolvimento industrial e político do século XIX. Podemos dizer que a Sociologia nasceu em razão desse desenvolvimento e pela necessidade de explicar as transformações sociais ocorridas no século XIX. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 121).

No livro, toda a produção dos clássicos da sociologia para compreender as sociedades modernas é situada no contexto do surgimento e da consolidação do capitalismo. É nesse contexto que, ao localizar o pensamento weberiano na história, os autores asseveram:

Max Weber, por fim, entendeu que a Sociologia deveria partir da análise da ação do indivíduo, sem que houvesse, entretanto, oposição entre o indivíduo e a sociedade. Para Weber, as normas sociais só se tornam concretas no momento em que cada indivíduo as manifesta. A ação individual, portanto, é sempre orientada pela ação de outra pessoa. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 121).

Ainda no capítulo, encontramos uma seção sobre Weber, iniciada com uma breve biografia do autor e que segue com uma síntese de seu pensamento, orientada pelo conceito de ação social. Em uma das passagens, destaca-se que:

A sociologia de Weber tem como um de seus principais fundamentos a indicação de que a compreensão de fenômenos sociais estruturais - como o capitalismo, os Estados, as religiões, os regimes políticos e as formas de poder e dominação - reside na análise das ações individuais ou de um conjunto dessas ações. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 125).

No trecho acima, os autores deixam claro que o capitalismo é um dos fenômenos sociais que se constitui enquanto objeto de estudo da sociologia weberiana. Sobre sua concepção acerca do capitalismo, os autores do livro apontam que:

Em sua obra mais famosa, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber analisa a maneira pela qual algumas ideias protestantes, como a valorização do trabalho e a doutrina da predestinação de Calvino (segundo a qual os predestinados por Deus à salvação seriam também bem-sucedidos neste mundo) favoreceram o desenvolvimento do capitalismo nos países onde o protestantismo era mais forte. Weber não afirmou que só os países protestantes se tornaram desenvolvidos (o Japão, por exemplo, seria uma exceção óbvia), mas sim que, no contexto europeu, algumas ideias de origem religiosa podem ter favorecido o surgimento do capitalismo. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 126).

Como se pode observar, segundo Machado, Amorim e Barros (2013), em Weber, o desenvolvimento do capitalismo está relacionado, ainda que não exclusivamente, com a difusão de ideias religiosas advindas do protestantismo. Aqui, para compreendermos a sua concepção de capitalismo, há uma menção explícita à obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Weber via na sociedade moderna um processo crescente de racionalização: vários aspectos da vida deixaram de ser regulados pela tradição e passaram a ser organizados segundo regras claras que favorecem a previsibilidade e a eficiência. Na economia, por exemplo, as formas tradicionais de trabalho foram substituídas pela fábrica e pela gestão científica da produção; na política, a obediência à tradição foi substituída pelo respeito à lei. Embora todos esses aspectos favoreçam a eficiência, Weber temia que, com o tempo, a racionalização causasse uma deterioração dos valores (não só religiosos, mas também os valores liberais ligados à liberdade individual, à democracia) que produziram a própria sociedade moderna. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 126).

No trecho acima, é-nos apresentado um outro fenômeno, conforme Weber, característico das sociedades capitalistas modernas: o processo crescente de racionalização.

O objeto de nossa pesquisa aparece pela segunda vez no capítulo 7, *O Mundo do trabalho*. Em sua primeira seção, intitulada *O trabalho em Durkheim, Weber e Marx*, ao diferenciarem a concepção de trabalho de Durkheim da de Weber, os autores afirmam que, para este último, “não há algo geral e comum a todas as sociedades. Cada sociedade obedece a situações históricas exclusivas; e no capitalismo, por condições específicas, o trabalho teria se tornado uma atividade fundamental.” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 135).

Mais uma vez, recorrendo explicitamente ao livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Machado, Amorim e Barros (2013) vão mostrar que, para Weber, o desenvolvimento do capitalismo não se deu por uma junção simples de elementos da estrutura mercantil, como a moeda, o mercado, o dinheiro e as relações de troca. Segundo eles:

Para Weber, tais características, típicas de uma estrutura mercantil, não são suficientes para explicar a formação do capitalismo. A especificidade do capitalismo, segundo ele, está no encontro entre o “espírito” capitalista, de obter sempre mais lucros, e uma ética religiosa cujo fundamento é uma vida regrada, de autocontrole, que tem na poupança uma característica central. Nesse encontro entre a mente capitalista e a ética protestante, o trabalho ocupa lugar central. Para o praticante do protestantismo, o sucesso nos negócios é uma comprovação de ter sido escolhido por Deus. O trabalho árduo e disciplinado e uma vida regrada e sem excessos podem lhe trazer o êxito profissional, sinal de Weber observa que há uma particularidade no sistema, na qual “está no encontro entre o “espírito” capitalista, de obter sempre mais lucros, e uma ética religiosa cujo fundamento é uma vida regrada, de autocontrole, que tem na poupança uma característica central.” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 136).

Portanto, a formação do capitalismo em Weber, de acordo com os autores, teve como característica fundamental o “encontro entre uma ética religiosa e um espírito empreendedor”.

E seguem:

Entretanto, a procura da riqueza, segundo Weber, não mais estaria sendo guiada por padrões éticos, mas associada tão somente a “paixões puramente mundanas”. Ao longo do tempo, o encontro formador da sociedade capitalista perdeu seu sentido original e o lucro capitalista passou a dirigir as sociedades contemporâneas. (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 136).

Ou seja, com o desenvolvimento do capitalismo, o lucro, entendido como uma ação racional com relação a fins, é o que passa a predominar no conjunto das ações sociais realizadas no interior das sociedades modernas.

No capítulo 8, Classe e estratificação social, Machado, Amorim e Barros (2013) assinalam que a teoria da estratificação social de Weber influenciou e continua exercendo influência sobre os critérios de classificação específicos para grupos sociais e suas ações. Sobre o debate em torno da classe média, os autores afirmam: “a definição de classe utilizada para discutir uma suposta nova classe média no Brasil está ancorada em uma concepção weberiana, que leva em conta, basicamente, a renda dos indivíduos.” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 164).

No capítulo 11, Política, poder e Estado, da unidade 3, temos contato com os conceitos de poder, dominação e Estado de Weber. Como uma das características das sociedades capitalistas modernas, os autores destacam o predomínio da dominação racional-legal. A esse respeito, dizem: “O valor que damos à lei se deve ao fato de que, nas sociedades modernas (como a nossa), predomina a forma de dominação racional-legal [...]” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 214).

Agora, passaremos a examinar o livro didático *Tempos modernos, tempos de Sociologia*, escrito por Helena Bomeny, Bianca Freire Medeiros, Raquel Balmant Emerique e

Julia O'Donnell (BOMENY *et al.*, 2013). Aprovado na primeira e na segunda edição do PNLD que contou com a participação da Sociologia, este livro, publicado pela Editora do Brasil, apresenta-se dividido em três partes, intituladas respectivamente de: I) Saberes Cruzados, II) A Sociologia vai ao cinema e III) A Sociologia vem ao Brasil.

Nele, como nos anteriores, Weber é mencionado diversas vezes. No entanto, diferentemente do livro anterior, aqui ele aparece nas três partes do livro. No capítulo 4, Saber sobre a astúcia e as manhas da política, Weber se faz presente por meio do seu conceito de poder. No capítulo 5, O apito da fábrica, ele aparece ao lado de Marx e Durkheim como um dos “pais da Sociologia”. É, no entanto, no capítulo seguinte, denominado Tempo é dinheiro!, que o autor será apresentado de forma mais abrangente.

Para as autoras de Tempos modernos, tempos de Sociologia, o conceito central da obra de Weber para a compreensão das sociedades ocidentais modernas - entenda-se aqui capitalistas - é o de racionalidade. Nas palavras de Bomeny *et al.* (2013):

O que Max Weber identificou como a principal característica das sociedades ocidentais dos tempos modernos foi aquilo que ele chamou de racionalidade. A vida cotidiana se tornou, a partir de então, muito diferente daquela que predominava nas sociedades tradicionais, pré-industriais, e isso ocorreu, basicamente, porque todas as relações das pessoas com o mundo a seu redor – relações econômicas, políticas, sociais, religiosas e até mesmo artísticas – foram sendo impregnadas por um jeito racional de agir. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 89).

De acordo com as autoras, para Weber, a racionalização tem como ponto de partida a mudança na forma de conduzir a economia:

Saber quanto custa produzir um bem, como obter crédito, como aproveitar o tempo e ser eficiente para não ter prejuízo, tudo isso se tornou muito importante para a atividade econômica na sociedade industrial. Em A ética protestante e o “espírito” do capitalismo, ele transcreve conselhos de Benjamin Franklin (1706-1790), um dos fundadores dos Estados Unidos da América, a fim de mostrar claramente as atitudes que os tempos modernos passaram a valorizar como mais capazes de conduzir alguém ao sucesso. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 89).

Elas destacam, ainda, que esse processo de racionalização não se restringiu à economia, apontando o seu avanço no campo da ciência e tecnologia.

Conforme as autoras, um dos fenômenos sociais que Weber considerava fundamental para o desenvolvimento do capitalismo é a consolidação do trabalho livre. Dizem, a esse respeito:

[...] ele [Weber] via nessa forma de trabalho – o trabalho livre, em que tanto o empregador quanto o empregado podem desistir do acordo desde que observem as regras preestabelecidas – uma das condições mais importantes para o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente tal como ocorreu. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 92).

Ainda segundo as autoras, ao estudar o capitalismo ocidental, Weber procurou relacionar o desenvolvimento das atividades do comércio e da indústria com o surgimento de uma nova ética religiosa em alguns países da Europa. Nesse sentido:

A seu ver, a reforma Protestante ocorrida no século XVI ajudou muito a “fazer a cabeça” dos que a ela aderiram a respeito de como aproveitar o tempo, como evitar o ócio, como se dedicar ao trabalho, como ter disciplina na vida e no emprego. O protestantismo teria, assim, facilitado o desenvolvimento de uma atitude adequada ao “espírito” do capitalismo. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 94).

Por fim, um outro fenômeno que, para as autoras, caracteriza a concepção de Weber sobre as sociedades ocidentais capitalistas modernas é o desencantamento do mundo. Sobre tal fenômeno, elas nos apontam que:

Quando Max Weber procura entender o que a cultura de nossas sociedades ocidentais criou de particular, está se referindo à maneira pela qual essas sociedades inventaram determinados princípios ou se apropriaram de invenções já existentes e lhes deram uma utilização racional e regular. Ao agir assim, contudo, a ciência tira a magia do mundo. Tudo vai se desencantando. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 94).

No capítulo 13, Caminhos abertos pela Sociologia, da parte II, Weber é novamente acionado. Para Bomeny e as demais autoras do livro (BOMENY *et al.*, 2013), Weber foi um indivíduo que se inquietou com o cenário de modernidade. Dizem:

Embora reconhecesse que o capitalismo não era uma criação do Ocidente, [Weber] via na forma pela qual esse sistema econômico se desenvolveu nos países ocidentais uma originalidade que teve diversas consequências na vida cotidiana. Weber nos diria que se impressionou com a maneira pela qual se distribuíram as funções, com a forma pela qual emergiu uma ética especial que serviu de alicerce não apenas para o trabalho e para a organização da produção, mas também para seu controle. (BOMENY *et al.*, 2013, p. 200).

No capítulo 22, Interpretando o Brasil, da parte 3, encontramos os conceitos de Estado e burocracia de Weber. No que diz respeito a este último conceito, temos ainda uma discussão acerca da influência das formulações de Weber na construção do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda.

Passemos agora ao livro didático Sociologia, escrito por Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016). Publicado pela editora Scipione, em 2016, o livro é composto por 12 capítulos.

O sociólogo alemão é mencionado muitas vezes ao longo do livro. Aparece pela primeira vez no capítulo 1, As ciências sociais nasceram com a modernidade, mais precisamente na seção A trajetória das ciências políticas. Weber é mencionado ao lado de Alexis de Tocqueville e Karl Marx, caracterizados como os pensadores mais importantes da ciência política do século XIX.

Max Weber se dedicou ao contexto da Alemanha imperial e da Europa ocidental, produzindo uma sociologia Política. Weber distinguiu a essência da economia e da política como ações conduzidas pelo sentido subjetivo humano em seu livro Economia e Sociedade, publicado após sua morte, em 1922. Se a economia se refere à satisfação das necessidades, a política tem a ver com a dominação exercida por alguns seres humanos sobre os outros. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 23).

Mais à frente, as autoras abordam o conceito de ação social. De acordo com Araújo e as demais autoras, para Weber, ação social é aquela ação “que se guia pela conduta do outro” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 29). São apresentados os quatro tipos de ação social: com relação a fins, a valores, afetiva e tradicional.

Ainda nesse capítulo, no tópico A produção teórica dos autores clássicos, Weber é mencionado na seção Teoria da ação social em Weber. Aqui, é exposta a sua matriz de compreensão sociológica, consistente naquela pautada no sujeito da ação, o qual é orientado por outros. O método de análise weberiano é, como destacam as autoras, histórico-comparativo, denominado de sociologia compreensiva. Assim, Weber estuda a singularidade de cada fenômeno social e busca examinar o sentido da ação social. O tema das principais pesquisas de Weber aparece pela primeira vez no seguinte trecho:

Um exemplo disso está em sua pesquisa sobre religião e capitalismo no livro A ética protestante e o espírito do capitalismo (1905), no qual buscou explicar a relação entre determinada ética religiosa e a formação do capitalismo. É considerado um relativista por propor que os valores de uma cultura condicionam o conhecimento, pois também os costumes mudam no tempo. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 34).

Weber é mencionado novamente no capítulo 4, O sentido do trabalho. O autor aparece em contraponto com Marx, ao explicitar sua concepção de trabalho.

A noção de que o trabalho é uma atividade dignificante foi construída historicamente. Na obra A ética protestante e o espírito do capitalismo, o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), mostrou que, em países de maioria protestante, uma conduta

alinhada a essa ética religiosa impulsionou o capitalismo. Segundo a ética católica, trabalhar ou sustentar-se com o trabalho do outros, como faziam os monarcas e a nobreza europeia, eram indiferentes à salvação da alma após a morte. A salvação poderia ser conquistada por meio do arrependimento dos pecados e da penitência, além da caridade e de outras ações vistas como boas. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 111).

Weber, conforme as autoras, analisou a sociedade capitalista moderna após a Reforma Protestante, momento em que surgiram novos segmentos religiosos, como o calvinismo e o luteranismo. Os adeptos do protestantismo, também chamados de puritanos, acreditavam na predestinação divina, que era uma crença de que Deus havia escolhido algumas pessoas - aquelas que levavam uma vida abdicando o ócio e se dedicando ao trabalho - de modo que elas estariam predestinadas à salvação.

Por fim, Weber também aparece no capítulo 7, intitulado Sociedade e religião, em contraponto às ideias de Durkheim. Conforme as autoras: “Weber via a religião como uma dimensão social depositária de significados culturais. Por meio desses significados os indivíduos e coletividades interpretam sua condição de vida, constroem uma identidade e agem no ambiente como um todo.” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 209).

Para as autoras, Weber sustenta que com a modernização as sociedades teriam passado por um processo de “desencantamento do mundo”, ou seja, os indivíduos teriam deixado de se pautar em crenças, mitos e superstições e passaram a se fundamentar na razão, na ciência e na tecnologia. Com isso, as religiões foram declinando, processo esse que Weber intitulou de secularização: “é a passagem de fenômenos que até então eram de domínio religioso para a esfera profana.” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 209).

A secularização, conforme sustentam as autoras, teria impulsionado as revoluções burguesas do século XVIII, consolidando o capitalismo, sem a influência das religiões. Porém, Weber se interessara pela influência que a ética religiosa exercia sobre a conduta racional dos indivíduos na esfera econômica. Ele constatou, tal como se encontra em A ética protestante e o espírito do capitalismo, que existe “a proximidade entre os valores apregoados pelo protestantismo e a moral veiculada pela sociedade capitalista moderna.” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 209).

Nessa obra, ele defende que o surgimento do “espírito do capitalismo” – um conjunto de qualidades intelectuais e morais indispensáveis à racionalização econômica – foi possível graças a algumas qualidades exaltadas e defendidas pela religião protestantes. Entre essas qualidades da chamada “ética protestante” destaca-se a visão de que obter lucro por meio do trabalho racional é uma virtude. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 209).

Por fim, analisaremos o livro *Sociologia em Movimento*, publicado em 2016, pela editora Moderna. Escrito por dezenove autores, entre os quais Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cassia Miranda, Fátima Ferreira e outros (SILVA *et al.*, 2013), ele é composto por seis unidades (1 - Sociedade e conhecimento: a realidade social como objeto de estudo, 2 - Cultura e sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas, 3 - Relações de poder e movimentos sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea, 4 - Mundo do trabalho e desigualdade social, 5 - Globalização e sociedade do século XXI: dilemas e perspectivas e 6 - A vida nas cidades do século XXI - questões centrais de uma sociedade em construção), com 15 capítulos ao todo.

Weber aparece pela primeira vez na unidade 1, no capítulo 1, intitulado *Produção de conhecimento: uma característica fundamental nas sociedades humanas*, na nota de rodapé “cronologia”, onde é inserido em uma linha do tempo, ao lado de Comte, Durkheim e Marx, no ano de 1904, com destaque à publicação de seu célebre livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ainda nesse capítulo, há um texto que apresenta o seu método de análise - a *Sociologia compreensiva* -, seguido de sua biografia. No texto, encontramos que: “Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber demonstrou que o capitalismo pode ser compreendido não apenas por razões econômicas, mas também religiosas.” (SILVA *et al.*, 2013, p. 21).

No capítulo 2, *A Sociologia e a relação entre o indivíduo e a sociedade*, também da unidade 1, na linha cronológica apresentada, o ano de 1909 é dedicado a Weber, no qual aponta-se que, em tal ano, o sociólogo alemão começa a escrita de “sua principal obra”, *Economia e Sociedade*, “que só foi publicada postumamente, em 1922” (SILVA *et al.*, 2013, p. 34). Na seção *A primazia do indivíduo sobre a sociedade*, encontramos que, na concepção weberiana, “a sociedade existe porque é vivenciada e compreendida por indivíduos racionais que tomam suas decisões de acordo com sua história e cultura.” (SILVA *et al.*, 2013, p. 38). Em seguida, os autores apresentam ao leitor o conceito de ação social de Weber.

Weber volta a ser mencionado na unidade 3, no capítulo 6, *Poder, política e Estado*. Aqui, são apresentadas as definições dos seus conceitos de poder e de Estado.

Na unidade 4, no capítulo 9, *Trabalho e sociedade*, diz-se, na seção *Max Weber e a ética do trabalho*, a respeito de Weber:

Na idade moderna, o surgimento do capitalismo promoveu transformações profundas nessa perspectiva desfavorável do trabalho. Nas principais economias do mundo ocidental, o trabalho deixou de ser visto como uma atividade repugnante e se transformou em algo capaz de dignificar o ser humano. De acordo com Max Weber, a Igreja Protestante desempenhou um papel fundamental nessa transformação ao

pregar o ascetismo, isto é, a vida regrada e a inclinação para o trabalho como caminho para a salvação. (SILVA *et al.*, 2013 p. 217).

De acordo com os autores do livro, durante a história das sociedades ocidentais o trabalho sempre foi visto como um instrumento de castigo e tortura, sendo associado negativamente às classes sociais responsáveis pela produção. Entretanto, Weber teria partido de uma perspectiva diferente sobre o trabalho, contrapondo-se às ideias de Marx. Weber teria observado que nas sociedades capitalistas mais desenvolvidas existia uma grande parcela de empresários vinculados ao protestantismo, de tal modo que ele passou a relacionar as mudanças religiosas à economia.

Apontando as conexões entre as mudanças na esfera religiosa e as transformações na economia – o que Max Weber chama de *espírito do capitalismo* – haveria uma associação entre o trabalho e a possibilidade de salvação espiritual. Weber argumenta que a mudança nos valores e atitudes graças ao surgimento do protestantismo criou a predisposição ao trabalho como forma de salvação da alma. A partir desse momento, o trabalho passa a ser visto como uma atividade voltada para a glorificação de Deus e principal fonte de salvação. (SILVA *et al.*, 2013, p. 218).

Weber, segundo os autores, buscou, a partir da história de racionalização do trabalho, a explicação para o surgimento das relações de trabalho capitalistas (SILVA *et al.*, 2013, p. 220).

Por fim, no capítulo 10, Estratificação e desigualdades sociais, da mesma unidade, encontram-se as definições de Weber a respeito dos conceitos de classe, partido e status.

Conclusão

Ao examinarmos os cinco livros didáticos de Sociologia acima, é possível concluir que todos eles fazem referência às contribuições de Weber à sociologia e que todos apresentam concepções a respeito do capitalismo, ainda que, para tanto, sejam utilizados diferentes conceitos e formulações do autor.

Em Sociologia para jovens do século XXI, de Oliveira e Costa (2013), os autores priorizaram, ao abordar o pensamento weberiano, o conceito de ação social que, para Weber, era primordial na compreensão das sociedades modernas. O sociólogo é mencionado como um estudioso das relações burocráticas. Em diversas passagens do livro, Weber é comparado com os outros clássicos da sociologia, como Marx e Durkheim. Não há referência direta às obras do autor.

Já o livro Sociologia hoje, de Machado, Amorim e Barros (2013), procura associar a produção sociológica clássica ao surgimento do capitalismo. Ao abordar as contribuições de

Weber, destaca-se os conceitos de ação social, racionalidade, dominação racional-legal e ética protestante. Os autores enfatizam as consequências do processo de racionalização, o qual favoreceu que as ações sociais fossem reguladas pela razão em detrimento das tradições. Há, no que diz respeito às formulações weberianas sobre o capitalismo, menções diretas à obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Tempos modernos, tempos de sociologia, de Bomeny *et al.* (2013), por sua vez, ao apresentar as contribuições de Weber para a compreensão das sociedades capitalistas dá destaque ao conceito de racionalidade. O recrudescimento do processo de racionalização, para as autoras, seria uma das características principais apontadas por Weber no que diz respeito às sociedades modernas ocidentais, pois esse processo foi fundamental para a mudança na conduta dos indivíduos na esfera econômica. Aliado ao processo de racionalização, uma outra característica marcante do mundo moderno, como o livro procura mostrar, é o processo de desencantamento do mundo. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, assim como no livro anterior, é a obra de referência utilizada pelas autoras como fundamento para as discussões sobre o tema aqui investigado.

No livro *Sociologia*, de Araújo, Bridi e Motim (2016), assim como nos anteriores, há diversas comparações entre o Weber e outros autores, sobretudo os clássicos. Weber aparece ao lado de Marx e Tocqueville como um dos nomes mais importantes da ciência política. No que diz respeito à relação entre trabalho e religião, o autor é contraposto a Marx e Durkheim. Nesse livro, encontramos uma menção à obra *Economia e Sociedade*. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* é a referência para tratar da relação entre a ética religiosa e a formação do capitalismo. Constam ainda no livro os conceitos de ação social, desencantamento do mundo e secularização.

Por fim, *Sociologia em Movimento*, de Silva *et al.* (2013), dá destaque à concepção de ética do trabalho de Weber e a sua relação com o desenvolvimento do capitalismo. A obra base para tratar do pensamento weberiano também é *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ainda que faça menção à *Economia e Sociedade* como principal e mais importante obra do autor.

Portanto, podemos afirmar que em todos os livros didáticos de Sociologia para o ensino médio analisados a noção de capitalismo de Weber se faz presente. Neles, prioriza-se, como nossa análise procurou demonstrar, alguns conceitos em detrimento de outros, assim como determinadas obras, em detrimento de outras, a exemplo de *Economia e Sociedade*, que, marginalizada nos livros didáticos, é, no campo científico sociológico, a obra de maior impacto nas pesquisas de sociologia, mostrando que nem sempre há correspondência entre o conteúdo

que circula no campo da pesquisa científica e o que é eleito como arbitrário cultural legítimo a ser transmitido no campo de ensino-aprendizagem.

Referências

ARAÚJO, S. M.; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Sociologia**. São Paulo: Editora Scipione, 2016.

AZEVEDO, G. C. **Sociologia no ensino médio**: uma trajetória político-institucional (1982-2008). Orientador: Cristina Buarque de Hollanda. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BODART, C. N.; FEIJÓ, F. As ciências sociais no currículo do ensino médio brasileiro. **Revista Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 219-234, 2020.

BODART, C. N.; TAVARES, C. S. Quando o assunto é Sociologia escolar estado da arte nos periódicos de estratos superiores nas áreas de Ciências Sociais, Educação e Ensino. **Revista de Ciências Sociais** (UFC), v. 51, p. 353-396, 2020.

BOMENY, H. *et al.* **Tempos modernos, tempos de sociologia**: ensino médio. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2015: Sociologia: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 03 jun. 2008.

BRASIL. Lei Federal nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 17 fev. 2017.

BRASIL. Resolução nº 04, de 16 de agosto de 2006. Altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 15, 21 ago. 2006.

CIGALES, M. P. O Ensino da sociologia no Brasil: perspectiva de análise a partir da história das disciplinas escolares. **Revista Café com Sociologia**, v. 3, p. 49-67, 2014.

ENGERROFF, A. M. B.; OLIVEIRA, A. Os sentidos da sociologia escolar nos livros didáticos no Brasil. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 15, p. 215-240, 2018.

FLORÊNCIO, M. A. L. Algumas reflexões sobre o livro didático de Sociologia e sua importância para a transposição didática do saber escolar. *In*: BODART, C. N.; LIMA, W. L. S. (Orgs.). **O ensino de sociologia no Brasil**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019.

MACHADO, I. J. R.; AMORIM, H.; BARROS, C. R. **Sociologia hoje**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2013.

MEUCCI, S. **A institucionalização da sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. Orientador: Octávio Ianni. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

OLIVEIRA, A.; CIGALES, M. P. O Ensino de sociologia no Brasil: um balanço dos avanços galgados entre 2008 e 2017. **Temas em Educação** (UFPB), v. 28, p. 42-58, 2019.

OLIVEIRA, L. F; COSTA, R. C. R. **Sociologia para jovens do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013.